



# RELIGIÃO E SENTIMENTO NOS “DISCURSOS SOBRE RELIGIÃO” DE F. D. SCHLEIERMACHER

RELIGION AND SENTIMENT IN F.D. SCHLEIERMACHER'S DISCOURSES ON RELIGION

Francisco José da Silva

---

Doutor em Filosofia pela UFC

Professor Adjunto do Curso de Filosofia da UFCA

[franz.silva@ufca.edu.br](mailto:franz.silva@ufca.edu.br)

A questão da Religião tem sido retomada na contemporaneidade através de várias perspectivas, tais como sua relação com a racionalidade secular, com as várias formas de fundamentalismo, com os movimentos carismáticos e pentecostais e em sua relação com a esfera pública. A modernidade, no entanto, permanece uma referência fundamental para nossa compreensão da Religião e sua relação com a racionalidade. O filósofo alemão Friedrich Daniel Schleiermacher (1768-1834) foi um dos maiores apologistas da Religião na modernidade, sua obra *Discursos sobre a Religião aos eruditos que a desprezam* (*Reden über die Religion an die Gebildeten unter ihren Verächtern*, 1799) situa-se numa posição de relevo ao resgatar uma compreensão do caráter universal da religiosidade e sua fundamentação no chamado saber imediato, na intuição racional e no sentimento. Para ele, a Religião define-se como *Sentimento de dependência em relação ao Universo* (Gefühl der schlechthinniger Abhängigkeit). Pretendemos apresentar nesse artigo as principais temáticas discutidas nessa obra, tais como a crítica de Schleiermacher ao pensamento iluminista inglês e francês em sua rejeição à Religião, a distinção entre Religião, Metáfísica e Moral, a vinculação da religiosidade com a Mística e, principalmente, o conceito de sentimento (Gefühl) de dependência do Universo no pensamento de Schleiermacher.

**Palavras-Chave:** Religião, Sentimento, Filosofia

The issue of Religion has been taken up in contemporary times through various perspectives, such as its relationship with secular rationality, with the various forms of fundamentalism, with the charismatic and Pentecostal movements and in its relationship with the public sphere. Modernity, however, remains a fundamental reference for our understanding of Religion and its relationship with rationality. German philosopher Friedrich Daniel Schleiermacher (1768-1834) was one of the greatest apologists for Religion in modern times, his work “Discourses on Religion to Scholars who despise it” (*Reden über die Religion an die Gebildeten unter ihren Verächtern*, 1799) if in a prominent position when rescuing an understanding of the universal character of religiosity and its foundation in the so-called immediate knowledge, rational intuition and feeling. For him, Religion is defined as “Feeling of dependence in relation to the Universe” (Gefühl der schlechthinniger Abhängigkeit). We intend to present in this communication the main themes discussed in this work, such as Schleiermacher's criticism of English and French Enlightenment thinking in his rejection of Religion, the distinction between Religion, Metaphysics and Morals, the link between religiosity and Mysticism and, finally, the concept of feeling (Gefühl) of dependence on the Universe in Schleiermacher's thought.

**Keywords:** Religion, Feeling, Philosophy

## 1. Introdução

Friedrich Daniel Schleiermacher (1768-1834) foi um dos espíritos mais brilhantes do Romantismo alemão<sup>1</sup> e um dos maiores teólogos de sua época, sendo considerado o fundador da teologia protestante moderna, além de ter desenvolvido as bases de uma hermenêutica filosófica. Sua concepção de hermenêutica é hoje clássica, porém o filósofo se tornou mais conhecido por sua preocupação com a autonomia da Religião, merecendo destaque a obra que publicou sob pseudônimo, *Discursos sobre Religião* (*Reden über die Religion*, 1799). Ele também escreveu em diversas áreas da Filosofia, destacando as várias versões de sua *Dialética, a Ética, a Pedagogia, a Estética e Hermenêutica e Crítica*.

Schleiermacher foi um dos grandes estudiosos de Platão, o qual ele traduziu para o alemão em parceria com Schlegel (1772-1829), o qual depois abandonaria o projeto. Uma de suas principais contribuições é a tentativa incansável de interpretar os *Diálogos* do filósofo da Academia, no sentido de expor sua doutrina e o encadeamento de suas ideias de uma forma sistemática e rigorosa<sup>2</sup>. As fontes do pensamento de Schleiermacher são: a filosofia de Platão, o Neoplatonismo, a Mística e o Pietismo cristãos e os pensadores românticos alemães. Também podemos rastrear a influência os pensadores modernos como Espinosa (1632-1677), Immanuel Kant (1724-1804), August Eberhad (1739-1809) e Friedrich Schelling (1775-1854).

A Dialética schleiermacheriana é uma forma de articulação necessária para o entendimento dos fundamentos da Física e da Ética, uma forma arquitetônica e positiva do saber. A sua dialética tem tanto um aspecto dialógico de origem platônica quanto metafísico de fundação das ciências. Assim, como um pós-kantiano, ele busca superar tanto a filosofia do Eu absoluto de Fichte, quanto a filosofia da identidade de Schelling em relação às questões do Idealismo e do Realismo.

Em um primeiro momento, o filósofo se confronta com a ideia do ‘Eu penso’ kantiano, em seguida discute com o pensamento sobre a Fé ou Crença (*Glaube*) e o saber imediato de Friedrich Jacobi (1743-1819), para, por fim, superar a teologia racional, a

<sup>1</sup> O Romantismo alemão surgiu no século XIX como forma de contraposição ao racionalismo iluminista, e sua crença no progresso e na supremacia absoluta da ciência e da razão, que relegava o sentimento a um plano inferior e abandonando a ânsia do infinito. Os românticos tinham no sentimento e no infinito ideais elevados, valorizando a paixão, a interioridade e as emoções como algo que a razão não pode desprezar, assim, a conciliação dos opostos era uma meta interna ao Romantismo. Entre seus expoentes podemos citar Herder, Schlegel, Schelling e Schleiermacher.

<sup>2</sup> A proposta de interpretação de Platão por Schleiermacher serviu de paradigma durante mais de 300 anos, sendo recentemente contraposto a nova interpretação de Platão da Escola de Tübingen-Milão. Ver artigo VAZ, H.C. Lima. *Um novo Platão?* In: Revista Síntese, 1990.

metafísica abstrata e assumir sua filosofia fundada na ideia de uma “intuição e sentimento do universo em seu ser e sua forma ideal eterna, do eterno e do infinito no temporal” (*Anschauen und Fühlen des Universums nach seinem ewigen idealen Gehalt und Wesen, des Unendlichen, des Ewigen im Zeitlichen*), ou ainda como um “sentimento de dependência universal” (*Ein Gefühl der schlechthinniger Abhängigkeit*)<sup>3</sup>.

A filosofia de Schleiermacher como pensamento dialético busca a síntese de oposições (SCHLEIERMACHER, 1999, p. 11), tais como Ideal e Real, Universal e Singular, Infinito e Finito. Os dois grandes desenvolvimentos e contribuições dadas pelo filósofo dizem respeito à Dialética e à Hermenêutica, ambas tratam da relação entre pensamento e linguagem. A Dialética, que para os gregos se relacionava ao processo dialógico de contraposição de argumentos em vista da verdade (*dialegesthai*)<sup>4</sup>, assume em Schleiermacher uma função de teoria do conhecimento ou fundamento do saber, uma teoria que permite pensar a conexão profunda entre a Física e a Ética<sup>5</sup>, como ele pretendeu estabelecer ainda em seus primeiros esboços.

Além disso, a Dialética pensada pelo filósofo tem uma relação intrínseca com outra disciplina a qual ainda estava em via de sistematização, a Hermenêutica<sup>6</sup>, a qual até então servia apenas de técnica de interpretação de textos filológicos, sagrados ou jurídicos, tornando-se com nosso autor uma forma de saber que trata das condições universais da própria compreensão e interpretação. A influência da Hermenêutica de Schleiermacher se ampliará a ponto de ser inserida na pauta da discussão filosófica e epistemológica a partir de Wilhelm Dilthey (1833-1911), posteriormente assumindo uma perspectiva ontológica com Martin Heidegger (*Ser e Tempo*, 1927) e Hans Georg Gadamer (*Verdade e Método*, 1960).

Nesse sentido, faz-se necessário retomar a discussão do giro filosófico operado pela concepção de Religião schleiermacheriana, bem como a articulação com os conceitos de

<sup>3</sup> SCHLEIERMACHER, F.D. *Sobre a Religião*. Tradução Daniel Costa, SP, Novo Século, 2000. Conferir também a edição alemã aos cuidados de Rudolf Otto: SCHLEIERMACHER, F.D. *Über die Religion, Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern*, Gottingen, UTB Vandenhoeck, 1991. A definição dada por Schleiermacher é: “*Anschauen und Fühlen des Universums nach seinem ewigen idealen Gehalt und Wesen, des Unendlichen, des Ewigen im Zeitlichen*” (p.53).

<sup>4</sup> Schleiermacher faz parte da longa tradição da dialética ocidental que tem suas origens nos gregos, Zenão, Heráclito, chegando ao seu auge com Platão e Plotino, passando pelos medievais, chegando até Kant, Hegel e Schelling. A Dialética tem sido concebida ora como uma arte da palavra (Zenão), uma técnica de debates (a Tópica aristotélica e a Dialética dos medievais), mas ainda como uma concepção da realidade, pensada como resolução de contrários (Heráclito, Hegel).

<sup>5</sup> Sobre o fundamento dialético sistema filosófico de Schleiermacher, conferir: SCHLEIERMACHER, F. *Dialektik* (1811), herausgegeben Von Andreas Arndt, Hamburg, Felix Meiner, 1986.

<sup>6</sup> A palavra hermenêutica deriva do grego *hermeneuein*, ato de interpretar. A Hermenêutica desde os antigos tem sido concebida como um método capaz de interpretar e compreender os textos filológicos, jurídicos e teológicos. Schleiermacher será responsável pelo desenvolvimento de uma hermenêutica de caráter universal, que estabeleça as condições de possibilidade de toda a compreensão.

saber imediato, intuição e sentimento para perceber sua atualidade e as possibilidades que podem abrir para a discussão contemporânea.

## 2. Religião, Saber Imediato e Sentimento nas *Reden über die Religion* (1799)

Ao contrário de Fichte (1762-1814) e Hegel (1770-1831), cujo ponto de partida absoluto é puramente abstrato e descartaria uma relação prévia com o saber das ciências particulares, Schleiermacher fundamenta a *Dialética* em uma compreensão da subjetividade, sua relação com a intuição e no conceito de sentimento de dependência universal.

Nesse sentido, devemos rastrear os princípios fundantes desta abordagem nos conceitos de Intuição, Saber imediato e Sentimento a partir da filosofia de Friedrich Jacobi (1743-1819) e na obra sobre *Religião* do próprio Schleiermacher. Um dos elos que liga Jacobi a Schleiermacher é o pensamento de Espinosa (1632-1677). O autor da *Hermeneuta* reconhece a importância fundamental de Espinosa em sua reflexão sobre a religião, principalmente no que diz respeito a sua visão intuitiva de Deus:

Sacrificai comigo respeitosamente um riso aos modos de Espinosa, o santo reprovado! Ele estava penetrado pelo superior espírito do mundo, o Infinito era seu começo e seu fim; o Universo, seu único e eterno amor; com santa inocência e profunda humildade se refletia no mundo eterno e via também como ele era seu espelho mais amável; estava pleno de religião e pleno de espírito santo e por isso também se encontra ali, só e inalcançado, mestre em sua arte, porém situado acima do grêmio dos profanos, sem discípulo e sem direito a cidadania (SCHLEIERMACHER, 2000, pp. 36-37).

Quando falamos de saber imediato deve-se ter como um dos principais representantes o nome do filósofo alemão Friedrich Jacobi, um pós-kantiano discípulo de Rousseau que teve grande influência no movimento pietista. Jacobi está ligado a uma defesa da crença religiosa para além das demonstrações, uma releitura do pensamento de Espinosa sob a perspectiva da filosofia transcendental de Kant.

Friedrich Heinrich Jacobi<sup>7</sup> escreveu em 1785 uma série de cartas polêmicas a Moses Mendelssohn (1729-1786) e as *Cartas sobre a doutrina de Espinosa* (*Briefe über die Lehre Spinozas*), apontando para a simpatia de Lessing em relação ao espinosismo, dando origem a famosa “querela do panteísmo” (*Pantheismusstreit*), tal querela enfatizava a vinculação do panteísmo de Espinosa com o ateísmo. Jacobi tem a oportunidade de apresentar sua contestação realista

<sup>7</sup> Nascido em Dusseldorf em 1743, faleceu em Munique, 1819, esteve na corte da Baviera durante algum tempo, depois se formou em Paris e Genebra, conheceu e tratou com Diderot e Bonnet. Em Dusseldorf, trabalhou num cargo de finanças, foi presidente da Academia de Ciências na Baviera tendo residido até seus últimos dias em Munique.

ao idealismo crítico nutrido pelo ceticismo de Hume (além das Cartas podemos citar ainda a obra *David Hume, sobre a Fé, ou idealismo e realismo* de 1779)<sup>8</sup>, bem como desenvolver e expor seu próprio pensamento sobre o saber imediato, a fé e Deus.

As concepções de Jacobi estão ligadas às de Kant segundo as quais não é possível conhecer a Deus através do entendimento finito, pois este se limita aos dados fornecidos pelos sentidos não podendo ultrapassá-los e chegar à coisa-em-si mesma. Essa concepção está ligada a crítica de Kant ao idealismo, apontando para uma tentativa realista, segundo a qual o conhecimento está fundado na Fé ou Crença (*Glaube*), uma espécie de ‘sentimento da razão’ que permite admitir a existência do mundo para além de nossa subjetividade e legitimar o saber científico.

Segundo o pensamento kantiano, não é possível conhecer a Deus através do entendimento finito, pois este se limita aos dados sensíveis fornecidos pelos fenômenos sob categorias do entendimento, não podendo ultrapassá-los e chegar ao conhecimento da coisa-em-si mesma e ao incondicionado. Já que não podemos demonstrar a existência de Deus pela razão natural resta-nos uma espécie de intuição pela qual ele se nos apresenta imediatamente, isto é, pela Fé. Esta intuição (*Anschauung*) é direta, sem mediações intelectuais, como algo simplesmente dado que não requer reflexão prévia.

Tal saber carece de mediações e de diferenciação sendo análogo ao conhecimento místico de Deus, segundo Jacobi:

Tomo o homem todo sem dividi-lo e constato que sua consciência é composta de duas representações originárias, a representação do condicionado e do incondicionado. Ambas estão inseparavelmente ligadas uma à outra, mas de tal maneira que a representação do condicionado pressupõe a representação do incondicionado e só pode ser dada nesta. Não precisamos, pois, procurar primeiro o incondicionado, mas temos de sua existência a mesma certeza, sem ainda maior do que temos de nossa própria existência condicionada (BECKEMKHAMP, 2004, p. 58).

O conceito central na filosofia da religião de Jacobi é a Fé, que se liga ao saber imediato (*Unmittelbare Wissen*) sendo a certeza não mediata da existência de Deus, certeza essa indemonstrável, como observa Nicolai Hartmann em *A Filosofia do Idealismo Alemão*:

Jacobi converte este conceito de fé no fundamento de sua teoria. Não existe razão alguma para duvidar da realidade das coisas fora de nós. Há, pelo contrário, uma certeza imediata e intuitiva dessa realidade que é natural a toda consciência que não tenha sido tocada pela reflexão céptica. Esta realidade das coisas não pode ser provada. Uma prova seria tarefa do conhecimento discursivo. Mas a certeza imediata também não precisa de prova já que só um ponto de vista artifício da reflexão a pode pôr em dúvida. Por este motivo, tem de fracassar qualquer reflexão que parta da consciência. O conhecimento está encerrado na rede de

<sup>8</sup> LEITE, Thiago Magalhães. Crença, razão e entendimento segundo o realismo de F.H. Jacobi. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, v.19, n.1, SP, FFLCH-USP, 2014, pp.169-188.

formas gnosiológicas que são de absoluta origem subjetiva, mas essas formas não alcançam o real. Ora, visto que na percepção temos consciência da realidade uma realidade que não emana do sujeito essa consciência da realidade não pode, por sua vez, ser de origem subjetiva. Aqui se distingue claramente o real da representação do real. Portanto, tem de haver qualquer coisa na percepção que não se esgota na simples representação. Mas isto é justamente o próprio real (HARTMANN, 1983, p. 40).

Jacobi insiste assim na autonomia da realidade perante o sujeito que conhece, seu realismo se contrapõe ao “casulo” da subjetividade kantiana, a qual pressupõe as condições de possibilidade da experiência, mantendo em seu núcleo a impossibilidade de conhecer as coisas mesmas. Nesse sentido, faz-se necessário ultrapassar a barreira intransponível imposta por Kant ao conhecimento do real, de tal forma que devemos pressupor um mundo fora de nós com existência real ao qual se refere nossa intuição, essa apreensão da realidade de forma imediata permite romper o abismo criado por Kant entre a subjetividade e a realidade.

Aqui podemos perceber a clara influência de Espinosa no interior do pensamento idealista alemão. Tal inserção do espinosismo será fundamental para compreender as transformações operadas pelos filósofos pós-kantianos (Schelling e Hegel), cuja forma de saber assemelha-se àquilo que Espinosa (na *Ética*) definia como conhecimento intuitivo:

Além destes dois gêneros de conhecimento (opinião ou imaginação e razão), há ainda um terceiro como o mostrarei a seguir, a que chamaremos ciência intuitiva. Este gênero de conhecimento procede da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas (Apud BECKEMKAMP, 2004).

Partindo dessa concepção de Fé e Saber imediato da filosofia de Jacobi, Schleiermacher, por sua vez, expande a ideia de Intuição e Sentimento na obra *Sobre a Religião* (*Reden über die Religion an die Gebildeten unter ihren Verächtern*, 1799), fundamentando sua crítica ao desprezo iluminista à Religião em geral, e ao Cristianismo em particular, o qual se baseia numa incompreensão do caráter autônomo daquela. Schleiermacher desenvolve sua reflexão para além de uma mera vinculação entre Religião, Moral e Metafísica<sup>9</sup>.

A importância da obra teológica e filosófica de Schleiermacher é indiscutível, pois seu alcance ultrapassa sua época ao colocar a Religião sobre uma base que toca o individual e ao mesmo tempo o universal, definido por ele no chamado ‘sentimento de dependência universal’ (DILTHEY, 2014 p.229). Assim se expressa Dilthey em sua obra sobre a vida do filósofo:

<sup>9</sup> SCHLEIERMACHER, F.D. *Sobre a Religião*, Apologia. No que diz respeito a relação entre Moral e Religião devemos fazer referência a Kant, em especial sua obra *A Religião nos limites da simples razão* (*Die Religion innerhalb der Grenzen der reinen Vernunft*, 1795). Já do ponto de vista da Metafísica a referência fundamental é Hegel e sua compreensão da Religião como especulação metafísica cujo conteúdo (o Absoluto) é idêntico ao da Filosofia (Ver a *Introdução a história da Filosofia e Lições sobre Filosofia da Religião*).

Los ‘Discursos sobre la Religion’ representan junto a su ‘Doctrina de la Fé’, la obra más influyente de Schleiermacher. Como hombre os hablo de los misterios sagrados de la humanidad, de aquello que había en mí cuando, en el entusiasmo juvenil, buscaba lo desconocido. El que yo hable es fuerza irresistible de mi naturaleza, un oficio divino, es lo que define mi posición en el universo y me convierte en el ser que yo soy. La religion no es ni metafísica ni moral ni una mezcla de las dos, sino contemplación y sentimiento del universo. Mientras que la intuición religiosa. Aprehende en el suceso singular que nos determina desde fuera una acción del universo, tiene lugar un contacto del ánimo con lo infinito (...). La medula de la religion está representada, según la descripción que hace Schleiermacher de sus visiones y sentimientos singulares, por la consciencia inmediata de la inmanencia de lo infinito en lo finito (Shaftesbury, Hemsterhuis, Spinoza, Goethe y Herder) (DILTHEY, 2014, p. 229).

Em sua estrutura, a obra *Sobre a Religião* é dividida em cinco 'Discursos' (Reden), sendo o primeiro uma 'Apologia', onde o autor esclarece a razão que o levou a escrever uma obra sobre Religião (desacreditada em sua época pelo pensamento iluminista), partindo de uma crítica ao pensamento empirista inglês e ao iluminismo francês, apontando a Alemanha como um lugar onde a Religião alcançou um solo privilegiado de desenvolvimento vigoroso<sup>10</sup>.

O procedimento dialético presente na obra *Sobre a Religião*, se apresenta logo no primeiro discurso (a Apologia), quando revela uma compreensão das oposições como parte da estrutura da realidade (Ontologia), bem como do próprio espírito humano (Psicologia).

Vós sabeis que a divindade tem imposto à si mesma, mediante uma lei imutável, separar até o infinito sua grande obra, conjugar cada existência determinada tão só a partir de forças opostas, realizar cada um de seus pensamentos eternos através de configurações gêmeas, inimigas entre si e, todavia, inseparáveis e consistentes entre si. Todo este mundo material, respectivamente ao que a suprema meta de vossa investigação consiste penetrar, em seu interior, se lhes apresenta, aos mais instruídos e reflexivos de vós, só como um jogo de forças opostas que prossegue eternamente. (...) Toda a alma humana – tanto suas ações passageiras como as peculiaridades internas de sua existência nos conduzem a esta constatação – não é mais que o produto de impulsos opostos (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 9-10).

Os impulsos opostos que subjazem ao real, são forças antagônicas de atração e repulsão, as quais de forma dinâmica regem as transformações do Uno e do Todo. A realidade é assim vista como um todo único e dinâmico que se manifesta de forma variada através da relação entre essas forças opostas. O autor ainda aponta nesse primeiro discurso o que seria o germe da concepção de Sentimento na forma do que ele chama de um “vínculo geral da consciência” que abarca a relação entre as duas forças antagônicas imanentes ao real.

(...) assim também cada alma participa nas duas funções originárias da natureza espiritual, e a perfeição do mundo intelectual consiste em que todas as possíveis

<sup>10</sup> A Alemanha foi o lugar onde se consolidou o Protestantismo, numa crítica ao Catolicismo por meio de Martinho Lutero, mas principalmente onde brotou um vigoroso movimento místico na Idade Média (entre os sécs. XI-XVI) desde Hildegard von Bingen, Mestre Eckhart, Henrique Suso, Johannes Tauler até Jacob Boehme.

conexões destas duas forças entre os dois extremos opostos, dado que aqui uma delas, além da outra, são quase exclusivamente tudo e à antagonista só lhe deixa uma parte infinitamente pequena, não só estão realmente presentes na humanidade, mas que também um vínculo geral da consciência abarque a todas, de forma que cada indivíduo, até quando não possa ser outra coisa que o que ele deve ser, conheça todavia, a cada um dos outros tão claramente como a si mesmo, e comprehenda perfeitamente todas as manifestações particulares da humanidade (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 10).

O segundo Discurso<sup>11</sup> trata propriamente da “essência da Religião”, onde nosso autor enfatiza que a Religião não é nem Metafísica, nem Moral, nem alguma outra atividade e muito menos um composto das anteriores, ela é, ao contrário, Intuição e Sentimento do Universo, do Infinito e do Eterno no tempo (SCHLEIERMACHER, 1991, p.55)<sup>12</sup>. Como enfatiza o filósofo: “mas tampouco a moralidade pode ter algo a compartilhar com a religião. Quem faz uma distinção entre este mundo e o além-mundo ilude a si mesmo; ao menos todos os que têm religião creem somente num único mundo” (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 100).

Com relação ao conceito de Sentimento, devemos deixar claro que este nunca foi valorizado no discurso filosófico até a modernidade, como depois será a partir de Schleiermacher, sendo pensado sempre de forma marginal, principalmente quando relacionado à Religião. Havia o questionamento sobre como poderia o Sentimento, geralmente entendido como fazendo parte das faculdades inferiores ou ligado à sensação e às paixões, servir como fundamento à Religião, a qual por sua vez diz respeito à racionalidade e à espiritualidade? Como um conteúdo subjetivo poderia estar na base de algo objetivo e universal como a Religião, sem transformá-la em mero jogo de emoções?

A Religião, nesse sentido, vincula Intuição e Sentimento, e nossos órgãos sensoriais servem de mediadores entre nós e o objeto, o qual ao nos revelar sua existência nos estimula de formas diversas e nos leva a uma mutação no interior da própria consciência. O objeto provoca assim uma afetação no sistema nervoso pondo em movimento a autoatividade de nosso espírito, assim, no momento em que intuímos o Universo através das coisas finitas, geramos múltiplos sentimentos.

Na Religião, a relação entre Intuição e Sentimento é mais firme que àquela dada através dos sentidos externos, dando uma maior amplitude a este último, o Sentimento (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 43)

<sup>11</sup> Os discursos seguintes da obra *Sobre a Religião* não nos dizem respeito, pois tratam de temas que não se relacionam diretamente com nossa perspectiva, seu conteúdo trata sobre a Igreja e o sacerdócio e sobre as religiões positivas (Discursos 3, 4 e 5).

<sup>12</sup> Em alemão: “Anschauen und Fühlen des Universums nach seinem ewigen idealen Gehalt und Wesen, des Unendlichen, des Ewigen im Zeitlichen”.

Segundo o filósofo:

Mas não penseis – este é precisamente um dos erros mais perigosos – que as intuições e sentimentos religiosos tenham de estar também tão dissociados originariamente na primeira ação da alma como por desgraça os devemos considerar aqui. A intuição sem o sentimento não é nada e não pode ter nem a origem, nem a força adequadas; o sentimento sem intuição tão pouco é alguma coisa: tanto um como o outro só são algo quando, e devido a que, originariamente estes são uma e a mesma coisa e se dão inseparados (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 45).

O que Schleiermacher denomina Sentimento não é, como se pensa de forma mais imediata, apenas uma emoção ou entusiasmo ligada a Fé individual, é, ao invés disso, um “sentimento de dependência absoluta” (*ein Gefühl der schlechthinniger Abhängigkeit*) em relação ao Universo (*Universum*). O Sentimento, para ele, é um assentimento imediato, uma forma de autorreflexão da razão que liga a certeza imediata da subjetividade à apreensão da realidade numa totalidade.

Este conceito de Sentimento e dependência universal em relação ao Universo serviria como um fundamento filosoficamente sólido contraposto ao racionalismo francês e ao empirismo inglês, os quais são duramente criticados pelo filósofo, o primeiro por seu caráter negativo e exageradamente crítico: “Por outras razões me afasto dos franceses, cuja visão um adorador de religião mal pode suportar, uma vez que em cada ação e quase em cada palavra sua eles pisoteiam suas leis mais sagradas” (SCHLEIERMACHER, 2000, p.93). Já em relação ao empirismo inglês, vinculado a um pragmatismo e utilitarismo vazios, diz ele: “Aqueles insulares orgulhosos (ingleses) que muitos entre vocês adoram tão indevidamente, não conhecem outra senão ganhar e usufruir” (SCHLEIERMACHER, 2000, p.93).

Como constatamos, ambos são alvos da crítica de Schleiermacher, uma vez que os conceitos de revelação e santidade têm uma característica de interioridade e uma correlação com a devoção, a piedade e a experiência religiosa que faziam parte do pietismo morávio ao qual ele pertencia. Desta forma, o Saber Imediato e o Sentimento seriam conceitos não meramente subjetivos, mas relacionados a uma totalidade e unidade de todas as coisas, concebidos como a realidade do Universo infinito.

### Considerações finais

Apresentamos nesse artigo as principais temáticas discutidas na obra *Sobre a Religião* de Schleiermacher, tais como a crítica ao pensamento iluminista inglês e francês, bem como a distinção entre Religião, Metafísica e Moral, e, por fim, o conceito de sentimento de

dependência do Universo, como sendo a marca fundamental do pensamento schleiermacheriano.

É inegável a importância de Schleiermacher para os estudos da Religião em geral e para a Filosofia em particular. O autor de *Glaubenslehre* autonomiza o âmbito e alcance da Religião, distinguindo-a da Moral e da Metafísica. A Religião se distingue da Moral como uma resposta a Kant, que reduzia a Religião à Moralidade puramente racional e formal fundada no imperativo categórico, também se distingue da Metafísica, em resposta a Hegel, que concebia a Religião em sua relação com a Filosofia, pensadas como tendo um mesmo conteúdo (o Absoluto), embora diferentes na forma de sua apreensão, através da representação na Religião e do pensamento na Filosofia.

### Referências Bibliográficas

- AMARAL, M. N. de C. P. **Período clássico da Hermenêutica filosófica na Alemanha.** São Paulo: EdUSP, 1994.
- BECKEMKAMP, J. **Entre Kant e Hegel.** Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- DREHER, L. H. **O método teológico de Friedrich Schleiermacher.** São Leopoldo: Sinodal, 1995.
- DILTHEY, W. **Schleiermacher in: Hegel y el idealismo (Obras V).** Tradução Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- GONZALEZ, J. L. **A era dos novos horizontes (vol.9).** São Paulo: Vida Nova, 2000.
- GRONDIN, J. **Hermenêutica.** Tradução Marcio Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.
- HARTMANN, N. **A Filosofia do Idealismo alemão.** Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito.** Tradução Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Efkens e José Machado, S.J. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/USF, 2002.
- HORDERN, W. **Teologia protestante ao alcance de todos.** Tradução Roque Monteiro de Andrade. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- KANT, I. **Religião nos limites da simples razão.** Tradução Artur Mourão. Lisboa: Ed.70, 1992.
- LEITE, Thiago Magalhães. Crença, razão e entendimento segundo o realismo de F.H. Jacobi. In: **Cadernos de Filosofia Alemã**, v.19, n.1, São Paulo, FFLCH-USP, 2014.

MAAS, Wilma Patricia. Hermenêutica e anti-hermenêutica. Friedrich Schlegel e Schleiermacher. In: **Pandaemonium germanicum**, número 15, FFLCH-USP, 2010.

SCHLEIERMACHER, F. D. **Sobre a Religião**. Tradução Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.

SCHLEIERMACHER, F. D. **Reden über die Religion, an die Gebildeter unter ihrer Verächtern**. Göttingen: UTB Vandenhoeck, 1991.

SCHLEIERMACHER, F. D. **Hermenêutica, Arte e técnica da interpretação**. Celso Remi Braida, Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHLEIERMACHER, F. D. **Introdução aos diálogos de Platão**. Tradução Georg Otte Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SCHLEIERMACHER, F. D. **Dialektik (1811)**. Herausgegeben von Andreas Arndt, Hamburg: Felix Meiner, 1986.

VAZ, H. C. Lima. Um novo Platão? In: **Síntese – Revista de Filosofia**, número 50, v.17, Belo Horizonte, FAJE, 1990.

*Data da submissão: 30 Ago 2024.*

*Data do aceite: 26 Out 2024.*

*Publicado em 08 Mai 2025.*



*Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).*